

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: robertog@npd.ufes.br

/// No ES, continuam fora da escola 70.570 crianças e jovens de 4 a 17 anos. Correspondem a quase 10% da população total da respectiva faixa etária

Enredos educacionais

Em conversa com um amigo, repassei-lhe essa informação: “É, por exemplo, mais difícil de entrar num curso de formação de professores que no curso de Medicina na Finlândia”. Perplexo, logo me indagou sobre a fonte dessa citação que choca com a situação do Brasil – na qual docentes são flagrantemente desconsiderados. Ela foi extraída de recente entrevista do professor Barry McGaw – um dos mentores do Pisa, ex-diretor de educação da OCDE e diretor do conselho da Agência de Currículo e Avaliação da Austrália.

Outra afirmação do prof. McGaw indica a razão da falsa prioridade da educação no Brasil. O que é a riqueza de um país ou Estado? “Em casos como o de Cingapura e, em certa medida, o da Coreia do Sul, isso ocorreu porque eles reconheceram que seu povo era o seu melhor recurso”. E aqui? Basta substituir Austrália pelo Brasil, a seguir: “Ao contrário da Austrália, eles não têm grande quantidade de minerais que podem cavar e vender não transformados”. Na visão atrasada, a riqueza está centrada na divulgação de bens materiais e infraestrutura física.

O que resulta da desvalorização da edu-

cação do “povo” enquanto recurso essencial? Seguem quatro dados do Espírito Santo divulgados no relatório recente do “Todos pela Educação”, em sua maior parte apurados no Censo IBGE – 2010.

1. Continuam fora da escola: 70.570 crianças e jovens de 4 a 17 anos. Correspondem a quase 10% da população total da respectiva faixa etária;

2. Desse total, equivalente a 7 vezes a população de Presidente Kennedy, quase metade – 34.519 – são jovens com idades entre 15 e 17 anos. Está mais que evidente qual é a prioridade em uma política para a juventude? Ensino médio atraente;

3. Dos jovens que têm idade de 19 anos, apenas 52,1% concluíram o ensino médio em 2009. Ou seja, além do expressivo contingente juvenil que ainda está fora da escola, acresce-se o que abandona ou se arrasta para concluir a educação básica. Não é sem propósito que continua muito baixa a escolaridade média no Estado, evidenciando que grande parte do “povo” ainda não possui o recurso central da sociedade do conhecimento.

4. Se não bastasse a quantidade atarradora dos jovens que não frequentam o ensino médio ou abandonaram a escola, em sua grande maioria pela falta de atratividade e não por problemas sociais, a qualidade na rede governamental estadual atravessa qualquer samba quando se considera o aprendizado no 3º ano do ensino médio: em português e matemática, respectivamente, 70% e 93% dos concludentes estão abaixo da “aprendizagem adequada”. Futuro? Qual?